

Algumas notas sobre o trabalho internacional de John Manuel Monteiro

Lodewijk Hulsmán

Fiquei chocado quando a notícia da saída de cena repentina de John Manuel Monteiro me alcançou e reagi com o desejo de preservar e continuar o seu trabalho para tornar a perda mais suportável, como muitos outros colegas e amigos. Os editores deste Dossiê responderam favoravelmente à minha oferta para transcrever e traduzir uma palestra que John deu em uma conferência na Holanda, em 2011. O texto da palestra é publicado a seguir neste Dossiê graças à cooperação graciosa de Mariana Françaço. Os editores, então, também me pediram para escrever sobre as atividades profissionais de John fora do Brasil, o que resultou nessa contribuição. No começo eu me senti honrado, mas aos poucos comecei a ficar cada vez mais assustado com a enormidade da tarefa, e realmente queria desistir.

A principal razão para não o fazer foi ter concordado com os editores de que uma obra relacionada às atividades de John no Brasil seria incompleta sem uma referência ao seu trabalho fora do país. A escala e o escopo das atividades de John tornaram impossível escrever algo como uma biografia ou uma bibliografia no prazo estipulado e a contribuição que é apresentada aqui é nada mais do que a coleção de algumas pinceladas em uma tela vazia que serve como pano de fundo para a apresentação da obra de John Manuel Monteiro no Brasil, tema central desta publicação. Portanto é um primeiro esforço para ser preenchida posteriormente por autores e pesquisadores.

¹ As contribuições escritas por alguns amigos e colegas são, provavelmente, o elemento mais importante e eu quero agradecer a todos pela colaboração. ²

A ampla gama de interesse histórico que caracteriza a obra de John já era visível nos primeiros estágios de sua carreira acadêmica. Enquanto o tema de sua graduação foi um estudo sobre a colonização portuguesa na Índia ³, logo iniciou o estudo de doutorado sobre o trabalho indígena em São Paulo colonial que muitos anos mais tarde levaria à publicação revolucionária da obra *Negros da Terra* no Brasil. ⁴ Estes foram temas inusitados na Faculdade de História da Universidade de Chicago, onde John estudou na época.

Paul Gootenberg era seu amigo e colega.⁵ Ele escreveu sobre suas experiências com John no período 1980-1985:

Nós tivemos uma coisa em comum: no contexto em Chicago, onde quase todos os latino-americanistas estavam focados em México (devido à presença de dois historiadores *mexicanistas* extraordinários, John Coatsworth e Friedrich Katz). John e eu éramos os verdadeiros valores discrepantes – uma vez que ele estudou o século XVII no Brasil colonial e eu o Peru. Tivemos que aprender muito sobre o México, por isso o meu entender é que John adquiriu o seu sentido evolutivo da etno-história a partir de Friedrich Katz, que havia publicado um trabalho brilhante sobre os camponeses e índios no México moderno. John estava mais interessado nas bases sociais dos primeiros assentamentos coloniais em São Paulo, se bem me lembro. Este clima *mexicanista* realmente nos fez melhor no que fizemos, porque havia muito a aprender com os *mexicanistas* e seus debates históricos, pois estavam, muitas vezes, mais bem definidos. Eram grandes colegas e amigos. O orientador real de John era T. Bentley Duncan, um historiador da “velha escola”, que estudou o império marítimo português, embora John realmente tenha trabalhado mais seriamente com Coatsworth e Katz. Esta foi também a era de engajamento político em torno da América Latina – de solidariedade aos movimentos de direitos humanos com as vítimas da resistência às ditaduras latino-americanas, a luta contra as intervenções norte-americanas nas revoluções da América Central – e esse clima deu urgência e compromisso com o nosso trabalho como historiadores da região.

O que eu me lembro [melhor] é a amizade e o humor de John. John era uma pessoa extraordinariamente calorosa, social, brincalhão e muito bem-humorado, muitas vezes cômico – em um ambiente universitário que foi muitas vezes frio (no inverno sem fim e no sentido humano), sério demais e sombrio: os estudos de pós-graduação em Chicago. Essa parte altamente positiva da personalidade de John nunca vou esquecer, mesmo que eu tenha esquecido a idade ou se John falou muito sobre a história indígena no Brasil.

John se mudou definitivamente para o Brasil em 1985 e logo já estava contribuindo com sua experiência para os processos dinâmicos que culminaram, em 1988, com o reconhecimento do estatuto dos povos indígenas na Constituição brasileira. Durante a década de 1990 ele trabalhou em conjunto com Manuela Carneiro da Cunha e outros, para a revisão da historiografia tradicional do Brasil, onde os povos indígenas eram notoriamente ausentes, como Maria Regina Celestino de Almeida descreve em outras partes deste Dossiê.⁶ John continuou, no entanto, os estudos internacionais, integrando suas pesquisas no Brasil a um contexto mais amplo e um importante tema de pesquisa foi a questão do trabalho e da mão-de-obra na América Latina durante o período colonial.⁷

Outro tema de investigação que continuou a interessar a John foi o Império Colonial de Portugal num contexto mais abrangente e o seu conhecimento sobre a histó-

ria colonial da Índia foi útil para o desenvolvimento de estudos comparativos. Miguel Vale de Almeida⁸ trabalhou em conjunto com John no final da década de 1990 e generosamente compartilhou algumas lembranças:

Minha interação com ele aconteceu no final dos anos noventa, durante dois seminários entre os antropólogos brasileiros e portugueses, em Campinas e no Arrábida (Portugal) para a discussão e elaboração de um livro que saiu como *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*, editado por Cristiana Bastos, Bela Feldman-Bianco e por mim (Lisboa, ICS, 2001) e, posteriormente, também publicado no Brasil (Campinas, Unicamp, 2007). Neste livro, tentamos discutir as complexidades do colonialismo português, bem como o papel do Brasil como colônia e entidade política dentro desse colonialismo, de uma forma que seria crítico de abordagens luso-tropicalistas, mas que continuou a comparar formas de colonialismo e de se focar nas especificidades do processo colonial no espaço lusófono, com uma perspectiva que considerasse os processos e estruturas político-econômicas, bem como as produções culturais em torno deles. John era um elemento-chave nos debates, especialmente na maneira em que ele olhou para esses aspectos sem se envolver em uma perspectiva ideológica e identitária. Eu acho que isso foi uma consequência do seu cosmopolitismo intrínseco, que fez a sua abordagem histórica e antropológica tão rica e ao mesmo tempo tanto com base no que em português chamamos de “bom senso”.⁹

O domínio de várias línguas era uma qualidade importante nas múltiplas relações internacionais que marcaram sua vida profissional. John trabalhou, por exemplo, em 1999, como professor visitante no *Centre d'études et Recherches sur les mondes américains* (CERMA) da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), na França, o que foi facilitado por sua fluência na língua francesa.¹⁰ No período de 2003-2004, trabalhou como professor visitante na Universidade de Harvard, em um projeto chamado *Tupi Peoples Under Colonial Rule: Ethnocide and Ethnogenesis in Portuguese America*.¹¹

O capítulo sobre os sistemas de trabalho na América Latina, que John publicou em 2006 no *Cambridge Economic History of Latin America*, foi, com certeza, uma de suas obras-primas, e, ainda é, a melhor síntese escrita sobre o assunto.¹² No mesmo ano, John visitou a Holanda e participou do Congresso Internacional *The Atlantic World and the Dutch*, construindo uma base para importantes projetos sobre a herança icnográfica da presença holandesa no Nordeste do Brasil.¹³

A extensão das atividades internacionais de John Manuel Monteiro é tão grande que é difícil captura-la, como já foi mencionado na introdução. Contudo, em suas pesquisas há dois temas recorrentes que predominam: a reação e a resistência indígena.

na à *Columbian exchange (troca colombiana)* e a organização do trabalho na América Ibérica. Em ambos os campos, a participação ativa dos povos indígenas na criação da história da América e do Atlântico constituiu uma perspectiva central que marcou a contribuição de John para a comunidade científica internacional.

Um aspecto importante foi a sua vontade de se comunicar com pesquisadores de outras disciplinas e esta foi uma das qualidades importantes que contribuíram para a sua posição de destaque na comunidade científica internacional. John Gledhill ¹⁴ escreveu as seguintes palavras sobre a sua colaboração com John:

A pesquisa de John foi excelente em sua combinação de trabalho acadêmico de historiador meticuloso com interpretações antropológicas críticas que eram respeitadas do contexto histórico real dos acontecimentos que ele estava analisando, e ao mesmo tempo estando consciente das implicações contemporâneas da forma que entendemos o passado. Seus relatos dos povos indígenas como atores na história colonial foram excepcionalmente sutis, sofisticados e iluminadores, e sua pesquisa produziu novas perspectivas sobre a história colonial como um todo. Seus interesses foram amplos e ele liderou diversas iniciativas que melhoraram a pesquisa da sua instituição e o trabalho dos colegas, bem como o seu próprio. Sua reputação se estendeu além do Brasil e do mundo lusófono. Meu próprio trabalho em sua área de especialização tem sido sobre o México e eu o convidei para participar de um projeto comparativo sobre o Brasil e o México, posteriormente publicado pela Duke University Press, porque eu (juntamente com outros participantes não-brasilienses neste projeto) já conhecia e admirava o seu trabalho. Esta não foi simplesmente por causa de sua importância imediata para a compreensão do Brasil, mas porque é teórica e metodologicamente sugestivo para os estudiosos que trabalham na interface da Antropologia e História em outros lugares. Suas contribuições para as discussões em grupo deste projeto revelaram-se extremamente estimulantes para todos e levaram nossos debates para a frente em várias direções produtivas. Ele foi um estudioso de nível internacional em todos os sentidos possíveis, voltado para o exterior e para o futuro. ¹⁵

Esta contribuição se encerra com estas palavras, que retomam muito bem a presença que agora vamos levar como lembrança e – espero – também como uma inspiração para o futuro.

¹ Ver, por exemplo, o obituário escrito por Ronald Raminelli para TRASHUMANTE Revista Americana de História Social 2 (2013): 177-180.

² Paul Gootenberg, Miguel Vale de Almeida, John Gledhill e Patrick Manning. Quero agradecer a Décio Guzman, Glória Kok e Mariana Françoza por suas sugestões e a esta última, também, pela revisão de meu texto.

³ *Portuguese Colonization in the Tropics: Afonso de Albuquerque's Marriage Plan in Goa.*

⁴ MONTEIRO, John M. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

-
- ⁵ Suny Distinguished Professor of History and Sociology, Stony Brook University, New York.
- ⁶ MONTEIRO, John M. Os Guarani e a História do Brasil Meridional, Séculos XVI-XVII. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. (Org.). *História dos Índios no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 475-498; MONTEIRO, John M. *Guia de fontes para a História Indígena e do Indigenismo em arquivos brasileiros: acervos das capitais*. São Paulo: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo/ Fapesp, 1994.
- ⁷ MONTEIRO, John M.; GUTIERREZ, H. *A Escravidão na América Latina e no Caribe*: Bibliografia Básica. São Paulo: Unesp/ Centro de Estudos Latino-Americanos, 1990; MONTEIRO, John M.; MOSCOSO, F. *América Latina Colonial*: Bibliografia Básica. São Paulo: Unesp/ Centro de Estudos Latino-Americanos, 1990; MONTEIRO, John M. From Indian To Slave: Forced Native Labour And Colonial Society In São Paulo During The Seventeenth Century. In: Patrick Manning (Org.). *Slave Trades, 1500-1800: Globalization of Forced Labour*. Londres: Variorum, 1996.
- ⁸ ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de Antropologia.
- ⁹ MONTEIRO, John M. Raças de gigantes: mestiçagem e mitografia no Brasil e na Índia Portuguesa. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; ALMEIDA, Miguel Vale de; BASTOS, Cristiana (Orgs.). *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2002.
- ¹⁰ MONTEIRO, John M. Armes et Pièges: histoire et résistance des indiens. In: NOVAES, Adauto. (Org.). *L'Autre Rive de l'Occident*. Paris: Métailié, 2006.
- ¹¹ Povos Tupi sob o domínio colonial: etnocídio e etnogênese na América Portuguesa.
- ¹² MONTEIRO, John M. Labor Systems. In: COATSWORTH, John H.; BULMER-THOMAS, Victor; Cortés-Conde, Roberto. (Orgs.). *Cambridge Economic History of Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- ¹³ Ver por exemplo FRANÇOZO, M. De Olinda a Olanda: Johan Maurits van Nassau e a circulação de objetos e saberes no Atlântico holandês (século XVII). Unicamp, 2009; FRANÇOZO, M. *De Olinda a Holanda. A coleção de curiosidades de Maurício de Nassau*. Campinas: Unicamp. (no prelo).
- ¹⁴ FBA, AcSS. Max Gluckman Professor of Social Anthropology. The University of Manchester, United Kingdom.
- ¹⁵ MONTEIRO, John M. Rethinking Amerindian Resistance and Persistence in Colonial Portuguese America. In: GLEDHILL, John; SCHELL, Patience A. (Orgs.). *New Approaches to Resistance in Brazil and Mexico*. Durham: Duke University Press, 2012.